



3.º ANNO	PUBLICAÇÕES		PUBLICAÇÃO SEMANAL	ASSIGNATURAS		N.º 148
	No corpo do jornal cada linha.....	30 reis		Semestre.....	700 reis	
	Annuncios, cada linha.....	30 .	Sabbado, 18 de outubro de 1884	Anno.....	18200 .	
	Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção e administração, rua da Silveira, 2.			Pelo correio.....	18500 .	
				Brazil, anno, moeda forte.....	38000 .	

**POVOA DE VARZIM, 17 DE OUTUBRO**

Lago que a brisa encrespa, e que já se julga oceano...

Eis o que foi a decantada crise ministerial, motivada pelo procedimento altamente fraudulento d'alguns membros do gabinete na famosa questão da companhia real dos caminhos de ferro portuguezes.

E houve almas sensíveis, corações generosos, que julgaram e tomaram a serio as divergencias dos illustres ministros, a hombridade com que o senhor dr. Segurado, governador civil de Lisboa, e bôde expiatorio d'esta farsada, defendia e justificava a sua interferencia nos actos da assembleia geral da companhia; na nota que o ministro francez em Lisboa apresentou ao governo portuguez, nota que fizera grande impressão no animo do sr. presidente do conselho, como se ainda alguma coisa podêsse haver de sério e correcto n'aquelles espiritos obceados pela febre do poder e pela sede das ganancias illegitimas, que têm reduzido o paiz ás maiores baixezas, levando o aviltamento a tudo quanto ha de nobre e honesto.

Resultado da crise: o senhor governador civil obrigado a pedir a sua demissão, vae esperar o premio de consolação, que ha-de ser graúdo e condigno de tão nobro, quão heroico sacrificio, no remanso da vida privada, alheio a quaesquer manifestações de politica ou resentimento, para os illustres mandões d'este «jardim da Europa á beira-mar plantado» poderem continuar na melhor harmonia a defraudar os interesses da nação; e para deitar poeira o governo registra a communicacão do actual conselho administrativo da companhia dos caminhos de ferro sobre a construcção da linha da Beira Alta, para todos os effeitos legais e com o valor que tiver tal declaracão, e tudo continuará como se nada houvésse acontecido.

A existencia do governo regenerador é uma demencia. Prova-o exhuberantemente a série d'absurdos que todos os dias vemos praticar.

Os afilhados, os sobrinhos, os ganhados, todos os que lucram e tiram proveito d'esses absurdos, não só pensam de diverso modo, mas até seguem

parecer diametralmente opposto. Sós por sós no poder, gloriam-se, degdiando-se ás vezes pelo mais que ainda querem gosar.

Assim, todos os seus actos são selados pela cobiça, pela vaidade, pelo desprezo dos mais nobres e alevantados principios de moralidade.

A sua gerencia tem sido desleal e aviltante, e só uma condesendencia que se não justifica nem explica consente que ella se perpetue.

Se, como diz um escriptor contemporaneo, o imperio da justiça e da convicção é firme, como a coragem; liso, como a virtude; meigo como o amor e ingenuo como a verdade, partido que assim obra, não é partido, é facção; tem interesses que recebem a luz da publicidade: os seus proprios actos são a sua sentença.

Ao povo só resta punir. Quem onsará negar á victima o sagrado direito de defender-se?

**Do Porto**

De ha muito que os jornales officiam um eclipse para 4 de outubro de 1884. Hoje está ao alcance de todos o saber quando ha eclipse, quer do Sol quer da Lua, e Camille Flammarion na sua *Astronomie Populaire* a paginas 259, 260, 261 (1884) apresenta-nos uma lista de todos os eclipses que vão desde 1880 a 1900. Posto que, segundo elle, o eclipse de que vou fallando tivesse como localidades centras a Grecia e o Egypto, nós, os portuguezes, tivemcs a felicidade de o apreciar completamente.

A *Folha Nova* do dia citalo dava na segunda pagina uma tabella com as horas a que se realisariam as diferentes phases do admiravel phenomeno astronomico, tabella que, na realidade, segundo eu mesmo observei, foi exactissima.

Deixando para outro logar a historia das maneiras patasas como a antiguidade considerava estes phenomenos e como infelizmente ainda hoje espiritos coevos mas aparrados os olham, todos sabemos que eclipse em geral é a desappareição apparente d'um

astro; animadas de movimentos, a Terra e a Lua, muitas vezes em virtude d'elles, ficam n'ma posição tal que o centro da estrella Sol está perfeitamente em linha recta com os centros dos planetas citados, resultando d'esta situação o phenomeno astronomico de que fallo.

Estando o nosso globo entre a Lua e o Sol o hemispherio lunar não recebe os raios solares e o seu disco obscurecido dá-nos o eclipse da Lua; temos eclipse do Sol quando a Lua e não a Terra occupa o centro, voltando consequentemente aquella para esta o seu hemispherio obscuro e não chegando os raios do Sol até nós, vista a interposição do disco luminoso solar. Encarando o phenomeno relativamente á Terra, em qualquer d'estas circunstancias existe ainda assim eclipses para cada um dos tres astros, pois ha para o Sol eclipse da Lua quando ha eclipse da Lua para a Terra e eclipse do Sol para o hemispherio lunar voltado para nós.

O Sol, a Terra e a Lua são corpos esphericos, sendo o primeiro o corpo illuminante e tendo cada um dos dois ultimos uma metade illuminada pelos raios do primeiro e a outra obscura projectando em opposição ao Sol um cône de sombra, cuja espessura e comprimento dependem não só do diametro do corpo illuminado mas tambem da distancia do corpo illuminante.

Ora, com a interposição do corpo opaco, todos os pontos celestes contidos no cône da sombra não recebem raio algum do Sol, estando além do vertice do cône de sombra todos os pontos do espaço que vêem uma parte da estrella solar.

N'estas duas regiões, que estão cercadas de penumbra, os pontos d'esta só recebem luz d'uma parte do Sol cujo disco luminoso parece chanfrado pelo disco obscuro do corpo opaco, sendo o obscurecimento produzido pela penumbra mais intensa, quanto o ponto de que se trata está mais proximo da sombra pura.

Produzem-se, pois, os eclipses quando, arrastadas Terra e Lua nos seus movimentos, e levando os seus cônes de sombra e penumbra os projectam um sobre o outro. Seja qual fór a posição da Lua, abstrahindo a neoménia e a Lua cheia, pois n'aquella dá-se o

eclipse do Sol ao passo que n'esta o da Lua, nunca o cône de sombra lunar projectado no espaço attinge a terra nem o cône da sombra terrestre attinge a Lua. Não quer, porém, isto dizer que haja um eclipse em cada Lua cheia ou em cada neoménia; teriamos dous eclipses no mez lunar se a orbita da Lua em torno da Terra e a d'esta em torno do Sol estivessem justamente no mesmo plano, trazendo consequentemente os centros dos tres astros a estarem necessariamente em linha recta, quer na opposição quer na conjuncção. A orbita da Lua, porém, está inclinada sobre o plano da ecliptica e assim as mais das vezes em occasião da neoménia acontece que a Lua projecta o cône de sombra abaixo ou acima da Terra: de maneira que sendo assim, não ha eclipses.

Abandonando a explicação das condições necessarias para que um eclipse da Lua ou do Sol seja possível, o que farei n'outro logar, passo a descrever resumidamente os eclipses da Lua. Podem ser totaes e parciais, mas nunca annulares, visto que o cône da sombra da Terra, seja qual fór a distancia d'esta para o nosso satellite, tem sempre dimensões muito mais consideraveis que o proprio disco lunar. Não só isto: o obscurecimento do disco lunar começa e termina em toda a parte nos mesmos instantes physicos, o que não acontece no eclipse do Sol; o eclipse da lua é visivel sempre em todos os pontos da Terra nos quaes se vê o astro, enquanto o eclipse do Sol só é visivel n'uma fracção do hemispherio terraqueo que o vê no horizonte.

O eclipse da Lua é total não só quando ella atravessa o cône de sombra pura da Terra na sua maior espessura, mas tambem quando a orbita da Lua atravessa o cône de sombra n'uma espessura sufficiente; quando, porém, o disco penetra na sombra só em parte o eclipse é parcial e a Lua soffre apenas um obscurecimento incompleto. Diz-se que a Lua entra na penumbra quando no fim do eclipse total ha um enfraquecimento na luz do disco; em seguida uma chanfradura de forma circular invade de repente (segundo Guillemin) ou pouco a pouco (segundo Flammarion) a parte luminosa do disco. A curvatura d'esta forma

circular é pouco pronunciada, o que nós podemos avaliar reparando que enquanto a largura média do cône de sombra terrestre, á distancia onde se fazem os eclipses é de 82', o diametro lunar não excede 31'. Apenas invade o disco, a côr da sombra que é a principio d'um negro pardo torna-o d'uma côr vermelha cada vez mais intensa que se estende sobre todo elle sendo total o eclipse. Uma côr azulada se apresenta nas regiões mais visinhas da margem opposta do disco áquelle onde a luz reaparece. E se a Lua, como se vê, não desaparece completamente nos eclipses totaes, a não ser raras excepções como a dos eclipses de 1761 e 1816, cuja explicação nós devemos ir buscar ao estado particular da atmospha em toda a peripheria terrestre que comprehende os logares onde o Sol apparece e desaparece no momento do eclipse, é isso devido á refração dos raios solares que projectam até á Lua côres purpuras, visto aquelles atravessarem as crustas atmosfericas mais densas.

Para terminar apresentarei ao redactor um phenomeno que tornou notaveis os eclipses de 1666, 1668 e 1750, phenomeno que parece contradictorio com a theoria geometrica e astronomica do eclipse.

O Sol e a Lua, nos eclipses de que fallo, estavam acima do horizonte durante o phenomeno. Parecia que Terra, Sol e Lua não estavam em linha recta no momento em que este se levantava e ao mesmo tempo aquelle desaparecia. A razão é facilissima de perceber: havia uma apparencia devida á refração; o Sol já sob o horizonte foi visivel simples e unicamente por refração!

Porém eu já vou longo e deixarei o resto d'este assumpto formoso para outra occasião. Aqui tudo desejava ver o eclipse; os binoculos andavam n'uma dobadoura, como vulgarmente se diz. Até o Raul, o petiz, creança de quatro annos, o irmão do Alvaro, o meu visinho, quando a mãe o queria deitar ás 7 e meia horas, elle, nimbifero, dizia —que não, queria ver o *clips*...

10 | 10 | 84. AUGUSTO CESAR.

**FOLHETIM**

**REALIDADES NÚAS**

(A PEDRO MAZONI)

E não havia tirar-lhe aquillo da cabeça!

Por força, queria ir em agosto para a Povoal!

O marido bem lhe dizia:

—Olha que não podemos com essa despeza: não se pôde ir p'ra lá com dez reis de cascos d'alhos.

Uma pessoa, depois d'ir, é preciso que n'um vá p'ra lá nenhum sendeiro. Cá por casa anda a gente como quer; mas lá por fóra já não é assim. E na Povoal... que ha um luxo asiatico... deslumbrante...

—Ora, não sejas tão fulnba, dizia ella; a gente também é preciso que n'um seja com'a rá, que nunca sabe do charco.

—Sim, sim; tu fallas bem; mas isto... e esfregava o pollegar no nariz...

Ella entendeu-o logo; e sabiu-se com esta resposta:

—Mas as Ferreirinhas lá vão todos os annos e tambem... sabe Deus...

—O que por lá vae? n'um é?

—E' verdade.

—Mas olha a Julia como arranjou lá aquelle brasileiro, rico como um porco, com quem se recebeu a semana passada?! Olha que q namoro lá principiou; e então que se arranjou aquillo n'um instante!

—Chamavam-lhe—nhô-nhô, pé de chumbo—pato;—mas ella é que foi fina; ella é que andou ás horas...

N'um se importou lá que elle fosse assim nem assado; olhou mas foi p'ras amarellas e hoje está independente; já tem criada, já n'um vae a pé a Barcellos... aquillo agora é que é.

—Tudo isso é muito bonito, mulher, dizia Victor; mas tu bem sabes que nós n'um podemos ir p'ra lá de maneira nenhuma.

Além d'isso, quem nos visse lá que havia de dizer? que...

—Stás enganado, retorquia Henriqueta; lá ninguem nos conhece.

—Mas olha cá, Henriqueta, tornava Victor, e abaixava um bocadinho a voz; nós como havemos d'ir p'ra lá com criada, tres filhas e todas...

—Ora, ora, muito bem: Olha a D. Luiza empresta-lhes mantiletes, rodachambres, vestidos, botinas, lenços de malha, sombrinhas, etc., e vão assim muito bem.

—Pois veremos, respondeu Victor coçando a cabeça; e retirou-se.

Foi passeiar. Logo á sahida de casa encontrou um amigo e amigo intimo, o Bastos, com quem todas as noites jogava o sólo, de parceria com o Bento Lélo.

—Atens, ó Victor, lhe diz o Bastos, com uma jovialidade é uma franqueza d'amigos velhos.

—Vens hoje corado que nem um cravo. Tornas outra vez aos vinte?

—Quem déra!... Então não me pilhavas tu casado nem pelo diabo.

—Não que tu tens muito de que te queixar. Que mais queres? Uma mulher boa, appetitosa; umas filhas formosas como lyrias... e inda não stás satisfeito!

Sempre foste ruim de contentar.

—Se tu soubéras da que eu me escapei agora, não me fallavas assim.

—Então?

—Que ha-de ser? E' a Henriqueta que lhe deu na mania d'ir este anno p'ra Povoal, e não ha tirar-lhe aquillo da cabeça!

—E então que tem isso?

—Que tem? Parece que nos conhecemos d'hoje! Nem que tu não soubesses o que por cá vae...

—Sim... elle... na verdade... inda se gasta mui bem...

—E as filhas? acrescentou Victor; não pôde ser; deixemo-nos de complacencias.

Vou dar-lhe um não rasgado e deixemo-nos de mais nada, não te parece?

—Não; olha: oppõe-lhe antes uma difficuldade qualquer e não lhe des um não tão desabrido.

—E' melhor, é; mas que ha-de ser? vé tu lá...

—Olha, diz-lhe que sim, p'ra contentar, e na occasião arranja-se uma difficuldade qualquer e stá prompto.

—Dizes bem, dizes bem; e, sabes que mais, vou-me lá, que ainda não ceiei.

—Atens: e despediram-se.

Victor já vinha melhor; mais socogado. O conselho do amigo dulcificou-lhe maravilhosamente o animo inquieto e apoquentado com as demasiadas exigencias da esposa.

Elle não queria ir para a Povoal, porque sabia o estado financeiro da casa. Elle não queria tambem desgostar: dar um não rispido, exasperante para o genio de sua consorte. Lances difficéis da vida marital!...

O amigo, porém, soube proporcionar-lhe o verdadeiro iman, que attrahisse amorosamente as duas vontades diversas:—a esperanca para uma e a satisfacção para o outro.

Quanto vale um amigo verdadeiro!...

(Segue). EDUARDO GIL.